



Lugares De Fruição Da Memória: A Reconstrução Do Cenário Da Guerra Pelas Lembranças Dos Habitantes De Canudos

Ana Paula Silva Oliveira¹

PUC-SP, PUC-Campinas

Resumo

A proposta deste artigo é mostrar como os filhos, sobrinhos e netos de participantes da Guerra de Canudos reconstróem o cenário do conflito ocorrido há mais de cem anos. Diante destas vozes, nota-se em cada palavra e em cada gesto, a reconstrução de um passado vivido. Assim, evidencia-se a recriação realizada pela memória, entendida como um processo semiótico em que informações são produzidas, selecionadas, conservadas e transmitidas. Uma descrição da cidade como é atualmente deveria remeter a todo o seu passado, mas o lugar não somente conta o seu passado, por meio dos depoentes, como também o contém na terra rachada pela seca, no açude que submerge a cidade destruída, nos escombros de cemitérios e templos. Existiram duas cidades diferentes antes da atual, mas elas parecem se justapor, tornando-se inseparáveis.

Palavras-chave

Memória; Oralidade; Canudos

O objetivo deste trabalho é mostrar como os filhos, sobrinhos e netos de participantes da Guerra de Canudos reconstróem o cenário do conflito ocorrido há mais de cem anos. Diante destas vozes, nota-se em cada palavra e em cada gesto, a reconstrução de um passado vivido. Para isso utiliza-se, como fio condutor da análise, o processo de recriação realizado pela memória em relação ao espaço, sem deixar de lado que este grupo traz em suas recordações as marcas de um fato histórico.

Os depoimentos, colhidos com a utilização de câmera de vídeo, foram transcritos de maneira a reproduzir com a máxima fidelidade possível o discurso do sertanejo. Além disso, o registro das imagens permitiu observar cuidadosamente a oralidade presente nos relatos, pois, como afirma Paul Zumthor (1997, p.203), “a oralidade não se

¹ Doutoranda e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, jornalista, professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, graduanda em Ciências Sociais pela PUC-Campinas., membro do grupo de pesquisa Comunicação e Política. E-mail: anaoliveira@puc-campinas.edu.br



reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”.

Deve-se salientar que, ao contrário do que imaginava, a câmera não inibiu os depoentes, pois em alguns casos incitou os interlocutores a narrarem histórias e “causos” lembrados, conforme se verá adiante.

Embora existam vários livros sobre os fatos relatados pelos depoentes, em nenhum momento houve a intenção de comparar essas narrativas com a história oficial, mas compreender como essas informações são recriadas em suas lembranças.

As histórias contadas pelos interlocutores foram espontâneas, pois não havia um questionário pré-estabelecido. Falou-se a respeito do objetivo da pesquisa e do interesse em saber o que se lembravam do conflito. Em alguns casos, sentiram-se felizes por dar ouvidos a suas histórias, como é o caso de seu João de Régis. Alguns moradores, mais jovens, o chamavam apenas de João Régis. O “de” é sinal de pertencimento e quer dizer João filho de Reginaldo. Ao término de seu relato, na porta de sua casa, disse sorrindo:

Eu faço como a finada Zefinha que ela era uma mulher que muitos contavam as histórias e ela dizia que tinha prazer desse povo ouvir o que ela dizia. Pra ela era um prazer. É a mesma coisa que eu digo. É um prazer as senhoras chegarem aqui, estarem aqui dentro de casa, partiram de São Paulo e vim pra um casebre desse... Pra mim é um prazer!

Assim como o depoimento de seu João de Régis, todos os outros tinham as cortesias e os agradecimentos de sempre. De cada um deles, há passagens, cenas em volta, gestos e algumas falas. Embora breves, os contatos foram intensos e, às vezes, regidos por espessa melancolia.

Para refletir a problemática dos lugares reconstruídos pela memória numa perspectiva semiótica, serão feitas considerações a partir dos estudos de Iúri Lotman, pois, de acordo com ele, a memória pode ser analisada como um fenômeno de comunicação no qual o processo de transmissão de mensagens deve ser avaliado.

A partir da definição de cultura como “o conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem”² entende-se esta como um mecanismo complexo em que informações não são apenas depositadas, mas sim elaboradas.

² LOTMAN, Iúri. Sobre o Problema da Tipologia da Cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris(Org). **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.31-41.



Ao considerar cultura como memória, entendida como matriz de uma vida social, Lotman aponta sua direção contra o esquecimento, pois, ao lembrar, a comunidade recupera fragmentos e seqüências e expulsa os elementos indesejáveis, evidenciando um mecanismo de transformação permanente, em que informações são conservadas, produzidas, selecionadas e transmitidas. Esse esquecimento, de um lado, pode ser visto como elemento de memória e, de outro, como seu instrumento de destruição que não é par da lembrança, mas sim é não-cultura, caos, desordem, fragmentação e morte.

As cidades sepultadas

A cidade, transformada pela guerra, é povoada pelas recordações dos sertanejos. Uma descrição de Canudos como é atualmente deveria remeter a todo o seu passado, mas Canudos, não somente conta o seu passado, por meio dos depoentes, como também o contém na terra rachada pela seca, no açude que submerge a cidade destruída, nos escombros de cemitérios e templos. É toda dividida por marcos, parques e vestígios.

No entanto, a cidade de Canudos pode ser entendida muito além de seu conceito geográfico, pois traz marcas da batalha e comunica uma história de sofrimentos, mortes e destruição, conservando, em torno do depoente, as condições que permitem aflorar a lembrança.

Existiram duas cidades diferentes antes da Canudos atual, mas elas parecem se justapor, tornando-se inseparáveis. As imagens que os depoentes fazem de sua cidade não se separam da lembrança do confronto. Esse espaço adquire força na memória dos depoentes, pois, ao evocar os acontecimentos, descrevem-no minuciosamente.

A cidade e o afeto

Falar da Canudos antiga, como chamam os moradores, é entender esse espaço relacionado com sua carga de valor afetivo, bem como os vínculos estabelecidos entre os depoentes e o lugar. A reconstrução da cidade ocorre na memória dos moradores, pois existe em estado de ruínas, embaixo do açude do Cocorobó, e somente é possível enxergar seus vestígios, quando o açude está seco.

Assim é a cidade contada por seu Edmundo Cerqueira Campos, 81 anos. Seu pai foi guia da polícia na Guerra de Canudos. Da varanda de sua casa, com um olhar melancólico, fita um ponto distante e volta para sua juventude. Emocionado, conta o que sente quando se lembra da antiga Canudos:



Remorso. Porque, depois que a guerra terminou, fizeram outra cidade ali e aquela cidade foi onde nascemos eu e um outro rapaz ... achava namorada ali, tinha meus amigos velhos todos ali, meu professor era dali, então eu tenho remorso.

Essa nostalgia da juventude, embora mascarada de arrependimento, relaciona-se ao lugar habitado pelo depoente e remete a uma citação de Proust (1999, p.409) :

Os lugares que conhecemos não pertencem tampouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugidios, infelizmente, como os anos.

É exatamente essa saudade que faz seu Edmundo chorar diante do acontecimento lembrado. Em suas palavras, é possível notar como recoloca seus sentimentos no local onde residiu, mostrando seu apego ao lugar de origem e evidenciando os liames que o ligavam à cidade inundada. Além disso, essa nostalgia do vivido remete a todo um passado que foi e não voltará mais, deixando para trás muitos traços de si mesmo.

Enquanto seu Edmundo se recorda com saudade de sua juventude, seu João de Régis, 86 anos, se lembra do surgimento da cidade:

Os que ficaram que se salvaram, ficaram com medo. Ficaram uns dias com medo daqueles perseguidor. Depois foi que as autoridades foram dando liberdade que, por sinal, vinha pessoal de Cícero Dantas, Ribeira do Pombal, Monte Santo mesmo, vender coisa. Eles ficaram fazendo bem ali onde tem a ponte grande. Ali tinha um pé de umbuzeiro. Eles ficaram fazendo umas volta aí, mas depois foi que as autoridade deram liberdade de vim fazer casa aqui em Canudo. Entãosse, tinha ,naquele tempo, não tinha prefeito, tinha era... me esqueci como era ...um senhor...isso aqui era município de Monte Santo, onde era uma fazenda que hoje é Euclides da Cunha, antigamente, quando esse senhor que realmente deu a liberdade de fazer a cidade. Entãosse, foi quem formou essa, porque logo que foram chegando aqui tinha uma capelinha bem ali de Santo Antônio. Entãosse, ele começou a fazer esta igreja. Começou a igreja e entrou com imagem de Santo Antônio. Naquele tempo, não existia carro nem rodagem. Eles vinheram montado a cavalo. Aí botaram a imagem de Santo Antônio e aí continuaram a fazer casa e foram, construíram e depois remudelaram esta igreja pra frente que cresceram a igreja. Foi assim.



Assim como seu Edmundo, seu João de Régis parece voltar no tempo ao olhar para o açude. Aponta para as águas e vai nomeando os lugares presentes somente em sua imaginação: bem ali, aí, aqui, aponta. Tal cenário parece criar vida, à medida que o reconstrói. Essa “viagem no tempo” permite que apareçam nas lembranças dos depoentes como pontos de marcação de um tempo vivido.

Para encontrar a Canudos antiga por baixo do açude, não se recua do presente ao passado, mas sim em sentido inverso. Além disso, é possível dizer que as lembranças dos depoentes não são puras, pois estão carregadas de suas impressões pessoais. Isso acontece, porque essa sociedade foi submetida a modificações profundas provocadas pela batalha. Outra informação relevante contida nos relatos é que os lugares narrados são inseparáveis dos eventos nele ocorridos.

Não restam mais esses lugares, por terem sido inundados pelo açude do Cocorobó. Sumiram na água e, em época de seca, suas ruínas emergem. Só restaram as lembranças. No entanto, por baixo desses escombros há uma outra cidade também ligada ao afeto, mas muito mais atrelada à destruição.

A cidade e a destruição

Sob a Canudos antiga está Belo Monte. Atraiu aproximadamente 25000 fiéis guiados por Antônio Conselheiro para a cidade onde as barrancas eram de cuscuz e seu rio de leite. Os sertanejos olham para a imensidão do açude e, em suas histórias, materializam várias personagens e lugares.

Alguns deles têm uma presença marcante nos depoimentos, pois, além de determinar as lembranças do grupo, carregam uma força em seus próprios nomes. São eles: Parque da Degola, Vale da Morte e Lagoa do Sangue.

De acordo com os depoentes, o Parque da Degola foi o lugar utilizado pelos soldados para degolarem os seguidores de Conselheiro.

Na descrição de Euclides da Cunha, não bastasse a degola, ainda estripavam-se os prisioneiros. Esse ato de estripar não aparece em nenhum momento nos relatos, nem, ao menos, há uma mínima referência. A degola, embora timidamente, surge nas palavras e gestos de alguns moradores. Nota-se o incômodo causado pela lembrança desse aspecto passado.

Para compreender esse esquecimento como um mecanismo de memória, entendida como um processo dinâmico em que algumas informações são selecionadas, é conveniente tomar por base os estudos de Lotman(1981, p.43). De acordo com ele:

A transformação em um texto numa cadeia de fatos vem inevitavelmente acompanhada de seleção, isto é, da fixação de determinados acontecimentos, que se traduzem em elementos do texto e, por esquecimento de outros declarados inexistentes. Neste sentido, qualquer texto contribui não só para a memorização, mas também para o esquecimento.

Dessa maneira, o esquecimento torna-se um fato significativo, pois, nos fragmentos das lembranças dos depoentes, silencia a dor provocada pelas mortes existentes em virtude da Guerra de Canudos. Sendo assim, tem-se a dupla esquecimento e memória como uma aparente oposição.

Entre os diversos lugares lembrados pelos depoentes estão o Vale da Morte que foi utilizado como vala comum onde eram jogados os corpos de soldados e conselheiristas e a Lagoa de Sangue que, de acordo com seu João de Régis :

A Lagoa do Sangue, por sinal, antigamente chamava Lagoa do Cipó, mas, com o ataque que teve aí, que ficou tanto sangue que cobriu a água de sangue, por sinal, ficou por nome que ainda se chama Lagoa do Sangue.

Em relação a este aspecto, Halbwachs(1990, p.133) afirma:

As imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva(...). Todavia o lugar recebeu a marca do grupo e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar, em si mesmo, tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável.

A partir desta afirmação, é possível dizer que a memória se inscreve no solo do lugar e, assim, o espaço serve para pensar o tempo. Para Halbwachs (1990) é a memória coletiva que está em jogo, envolta no espaço da ocorrência do evento. Desta forma, ao recordar, os depoentes criam uma imagem dos lugares que se organizaram no início e tem uma atitude permanente frente a esta, mesmo não existindo mais.

No caso de seu Edmundo, essa reconstrução do espaço não é feita somente em pensamento. Buscando recriar um dos combates, o depoente utiliza travesseiros para fazer a reconstituição da cena, ou melhor, imagina como ocorreu e interpreta-a.



Depoente apegado aos detalhes, levanta-se, pega dois travesseiros e coloca-os no chão dizendo:

Olha, lá na Serra do Cambaio, lá pra trás, tem um morro. Olha, vamo fazer uma comparação, que o morro fosse isso aqui, né? A estrada passando beirando, assim, ói. Vamos fazer a comparação com dois travesseiros aqui, ó. Que o morro fosse isso aqui ó, né? Esse travesseiro aqui é uma serra, isso aqui passava a estrada pro Uáuá, tá entendendo? A estrada do Uáuá passava aí. Então os jagunços ficaram na trincheira aqui, ói, de pé e ficou um bocado de jagunço aqui em cima. O soldado quando chegaram aqui era avançando pra desalojar os jagunços daqui e outros atirando nas costas dos soldados. Morreu não sei quantos soldados. Aí tiraram os jagunços da trincheira.

É assim que seu Edmundo relembra. Com seu olhar fugidio por trás das lentes grossas de seus óculos e seu jeito de falar, disparando palavras, costumava esbravejar em tom desafiador, ao término de algumas histórias: “pode perguntar qualquer coisa aí, pra ver se eu me lembro...”. Conversador enfático, ao usar as expressões “ó, oi e tá entendendo”, deixa nítido que fala para um ouvinte. Ao encenar seu discurso, gesticula, sinaliza, expressa-se com olhares, dramatizando a situação narrada. Além disso, chama a atenção o fato de contar fatos que não presenciou com riqueza de detalhes.

Nos depoimentos, Canudos emerge como um espaço de fruição de memória, de romarias e, até mesmo, como cidade turística. Este lugar conserva marcas sobre o solo que possibilitam o processo de reconstrução das lembranças. No entanto, pode ser visto também como forma de esquecimento, como é o caso do açude do Cocorobó que submergiu Belo Monte.

Açude do Cocorobó: desenvolvimento x “destruimento”

Embora o açude do Cocorobó permita aos depoentes recordarem uma série de histórias vividas, foi feito originalmente para condenar a batalha ao olvido. Construído numa das regiões mais secas do Nordeste brasileiro, pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), em 1968, não só submergiu o arraial de Belo Monte erigido por Conselheiro, como também foi uma tentativa do Governo de silenciar um passado sangrento. Nesse aspecto, o esquecimento pode ser visto como um instrumento de destruição da memória, pois assemelha-se a um pedido de esquecimento obrigatório de determinados aspectos da experiência histórica, como aponta Lotman (1981).

Seu Edmundo se lembra das histórias contadas pelo pai e fala a respeito da construção do açude do Cocorobó, na qual trabalhou como topógrafo:

Tem muita história que meu pai me contava. Eu me esqueço de muita, mas tem muita na cabeça e de vez em quando me lembro. E nós aqui estamos agradecendo hoje um dos maiores homens de Canudos: Isaías Ferreira Canário. Foi quem pediu à Getúlio Vargas...Getúlio Vargas veio em Canudos em 1938. Ele veio em Canudos passear aqui no local da Guerra e o senhor Isaías Ferreira Canário pediu: “Seu Presidente da República”, não! Volto atrás! O presidente: “Seu Isaías Canário eu quero que o senhor me diga o que eu faço em benefício desse pessoal de Canudos, o que o senhor quer que eu faça?” Aí Isaías Canário: “ Eu queria que o senhor fizesse um açude no Rio Vaza-Barris que é este que nós temos aqui”. Quando foi com três mês , começou a vim o estudo. O estudo aqui começou em 1946. Eles fizeram um levantamento aqui de Canudos até Jeremoabo. Então, o local mais adequado que eles acharam foi aqui em Cocorobó , na fazenda Cocorobó, principalmente aqui em Boqueirão de uma serra de um lado e outra de outro que aqui o açude ficou com 1320 metros de largura que é o comprimento dele . A altura do açude ficou aqui com 33 metros de altura e 28 de comprimento, e o coroamento ficou com sete, não, sete não, quatro , e teve quase 150 metros de largura . Aqui foi gasto de terra pra construir esta barragem, um milhão e 400 mil . Eu foi que fiz o levantamento como topógrafo. Fui eu que fiz o levantamento aqui pra saber o volume de terra que ia levar: um milhão e quatrocentos mil metros de terra levou esse açude . Só injeção de cimento aqui subterrâneo teve 118 mil sacos de cimento injetado. No sangrador ali foram utilizados não sei quantos mil sacos de cimento o sangrador que foi feito pro lado de lá.

Desse relato é possível perceber como a construção do açude faz parte do imaginário de seu Edmundo de forma marcante, pois reconstrói diálogos entre Getúlio Vargas e seu Isaías Canário precisamente, como se estivesse presenciado esse encontro com um gravador em mãos.

De acordo com o relato de seu Edmundo, os estudos para a criação do açude do Cocorobó foram iniciados na década de 30, após a visita de Getúlio Vargas. No entanto, seu projeto de construção começou a ser detalhado em 1946 e, em 1950, foram iniciadas as obras, com diversas interrupções por falta de verba. Sua inauguração deu-se em plena ditadura militar, em 1968, destruindo a cidade histórica de Canudos.

Na casa de seu João de Regis, ao término de nossa conversa, comentei que ia ver as ruínas da antiga Canudos e perguntei se não gostaria de me acompanhar. Entre as ruínas de uma cidade submersa, conversava com ele sobre a importância do açude para aquela região. Ele completou de imediato a minha observação dizendo o seguinte:

O que eu sinto que aquilo foi uma coisa ...Olhe, pois bem, isso aqui debaixo d'água, por uma banda, foi um destruímento , mas, por outra banda, deu a vida a muita gente. É. Uns falam por causa desse açude,



mas já eu não falo, porque vejo que se Canudos só tá assim, só é uma cidade, devido a esta irrigação. Porque aqui é um Nordeste morto. O criatório é pouco. Não dá agricultura, não dá nada e depois deste açude tem todo conforto(...).

Seja visto como responsável pelo retorno à vida, seja como “destruimento”, o açude, cercado de árida paisagem, oculta os escombros do arraial dinamitado e queimado de Belo Monte e da segunda Canudos, afogada nas águas. Sua construção, no mesmo local onde ocorreu o massacre, parece uma tentativa de fazer com que as águas escondam as atrocidades lá realizadas. Se, após a batalha, o Governo constrói o cenário que produz e representa o esquecimento, quando vem a seca, uma cidade fantasma surge das águas, deixando a vista diversas ruínas.

Assim, quando seu João de Régis retorna ao açude do Cocorobó, onde foi construída a segunda cidade de Canudos, percebe-se que reconstrói um quadro em que muitas partes estavam esquecidas ou foram silenciadas. Pensando no que vê hoje e comparando com suas lembranças antigas, estas parecem se adaptar às percepções atuais. Como escreve Michael Pollak (1989) é como se o presente colorisse o passado com suas cores.

De acordo com Euclides da Cunha(1995), na tentativa de esmagamento das ruínas da guerra foram utilizados 600 fuzis Mannlicher, 6 mil sabres, 12 mil braços, 12 mil coturnos, 6 mil revólveres, 20 canhões e milhares de granadas. Além dos degolamentos, incêndios e cem dias de canhoneio contínuo. Isto mostra o medo da classe dominante de que Canudos ficasse na memória.

Referências bibliográficas

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória** e outros ensaios. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. Os ofícios tradicionais. In: **Revista USP**, São Paulo(29), março, maio 1996, p. 102-106.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LOTMAN, Iúri; USPÊNSKI, Boris (Orgs.). **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa:



Horizonte, 1981.

_____. *La Semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y de espacio.* Edición de D. Navarro. Barcelona: Ediciones Cátedra S.A, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: **Estudos Históricos**, volume 3, Rio de Janeiro, 1989.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. 20ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.